

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA:
ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

Fernanda Marques de Oliveira

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO NO ARTIGO DE OPINIÃO

Belo Horizonte

2011

Fernanda Marques de Oliveira

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO NO ARTIGO DE OPINIÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Leitura e Produção de Texto, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.
Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte

2011

Sumário

| | |
|---|----|
| Resumo..... | 2 |
| Abstract | 3 |
| INTRODUÇÃO | 4 |
| CAPÍTULO 1 | 7 |
| 1.1 Modos de organização do discurso: breve conceituação..... | 8 |
| 1.2 A argumentação | 9 |
| CAPÍTULO 2..... | 12 |
| Texto 1 | 13 |
| Análise do texto 1..... | 15 |
| Texto 2 | 16 |
| Análise do texto 2..... | 18 |
| Texto 3 | 20 |
| Análise do texto 3..... | 21 |
| Conclusão..... | 25 |
| Referências..... | 27 |

Resumo

Neste trabalho, analisamos *artigos de opinião*, no que tange à abordagem dos *modos de organização do discurso* como estratégias persuasivas, bem como norteamos nosso trabalho no sentido de ser uma possível abordagem para alunos do ensino médio – o que justifica o tema deste trabalho – “Tipo textual opinativo no discurso jornalístico: uma abordagem para sala de aula”. Para realizar este trabalho, utilizamos alguns *textos opinativos* que circularam no jornal Folha de S. Paulo e revista Veja. A análise deste material enfoca os *modos de organização do discurso* que constituem os *artigos de opinião* e funcionam, portanto, como estratégias persuasivas. A partir disso, propusemos formas de análise textual, fundamentadas na Linguística e nos textos opinativos do discurso jornalístico. Este trabalho identificou que a abordagem aqui proposta representa uma possibilidade de desenvolver no aluno do ensino médio a competência leitora, bem como a de produção de texto, uma vez que o estudante compreende e aplica as estratégias dos textos estudados. Por meio deste estudo, acreditamos colaborar com professores de Língua Portuguesa no que diz respeito à construção da argumentação em textos opinativos no discurso jornalístico.

Palavras-chave: artigo de opinião; discurso jornalístico; modos de organização do discurso; argumentação.

Abstract

In this study, we analyzed opinion articles, regarding the *modes of discourse organization* as persuasive strategies, as well as guides our work in order to be a possible approach for high school students – which justifies the theme of this work – "Opinionated textual type in journalistic discourse: an approach to the classroom". To accomplish this work, we used some opinion texts that have circulated in the newspaper Folha de S. Paulo and Veja magazine. The analysis of this material focuses on the modes of discourse organization that constitute the opinion articles and act therefore as persuasive strategies. From this, we have proposed forms of textual analysis, based on Linguistics and opinionated texts of journalistic discourse. This work identified that the approach proposed here is an opportunity to develop in the high school student reading and text production competences, once the student understands and applies the strategies of the texts studied. Through this study, we believe collaborate with teachers of Portuguese as regards the construction of argumentation in opinionated texts in the journalistic discourse.

Keywords: opinion article; journalistic discourse; modes of discourse organization; argument.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a identificar e analisar as estratégias argumentativas no tipo de texto *artigo de opinião* para que sirvam como forma de abordagem em sala de aula. Para tanto, tornou-se necessário levantar algumas questões: o que é argumentação? Como a argumentação é construída? De que forma os *modos de organização do discurso* aparecem em textos opinativos a favor da argumentação?

O interesse em estudar *artigo de opinião* relaciona-se à nossa experiência em sala de aula do Ensino Médio e do Pré-Vestibular. Por meio dela, percebemos que os alunos apresentam dificuldades na leitura e interpretação de textos, sobretudo aqueles opinativos, a exemplo do artigo de opinião, do editorial e da charge, entre outros.

Isso pode ser confirmado pelos resultados das avaliações sistêmicas (Prova Brasil, SIMAVE) relativamente à competência leitora dos alunos. Os dados apontam o baixo desempenho deles no processamento da leitura, em especial no que se refere a habilidades essenciais à leitura do tipo citado: “inferir o sentido de uma palavra ou expressão”; “inferir uma informação implícita em um texto”; “identificar a tese de um texto”; “estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la”; “identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados”. (Matriz de Referência de Língua Portuguesa – SAEB).

O quadro acima delineado se reflete na produção escrita dos alunos quando solicitados a redigirem textos opinativos, compostos de “dimensão argumentativa” ou de “finalidade argumentativa” explícita.

Com base no exposto, pretendemos realizar esta investigação, acreditando ser possível oferecer subsídios para a prática docente no sentido de tomar o *artigo de opinião* como objeto de ensino e aprendizagem em sala de aula.

O tema deste trabalho – tipo textual opinativo no discurso jornalístico - busca proporcionar um estudo textual voltado para a compreensão de diversas estratégias argumentativas, formuladas a partir dos *modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo*. Esse estudo será destinado aos alunos do Ensino Médio e do Pré-Vestibular. No entanto, não desconsideramos a possibilidade de desenvolvimento desse trabalho com alunos de séries anteriores, tendo em vista as habilidades que podem ser desenvolvidas a partir da perspectiva dos *modos de organização*

do discurso na construção da argumentação, bem como o pouco tempo que a escola destina à argumentação, geralmente, o último ano do Ensino Médio.

Menezes (2006, p. 87) evidencia essa lacuna no ensino:

No que diz respeito ao ensino, a argumentação é um campo ainda coberto de nebulosidade. Para se ter uma ideia, basta consultar os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998): a opção pelo estudo centrado no discurso/ texto é inquestionável, mas a opção explícita pela argumentação somente se dá em momentos específicos. É como se seu estudo apenas em uma ou em outra fase da formação fosse suficiente. Porém, uma coisa é certa e tem sido amplamente difundida: o ensino da argumentação pode levar a performances mais interessantes e democráticas na convivência social e política.

Retomando os objetivos postos para este trabalho, caracterizaremos teoricamente o tipo de texto *artigo de opinião* e os *modos de organização do discurso*; identificaremos e analisaremos os *modos de organização do discurso* como estratégias argumentativas em *artigos de opinião* e finalmente apresentaremos sugestões de atividades de análise dos *modos de organização do discurso* na construção textual argumentativa de textos opinativos.

Para o desenvolvimento desta proposta, adotaremos os seguintes passos metodológicos: em primeiro lugar, será feito o levantamento do referencial teórico necessário à abordagem do tema. Finalmente, a seleção do *corpus* que será objeto de análise.

Para tanto, torna-se necessário definir o referencial teórico como suporte para as análises. A nossa abordagem conta com as contribuições de Jesus e Petroni (2008, p. 76), para quem o *artigo de opinião*

Caracteriza-se pela argumentação em torno de um assunto controverso, pela tomada de posição frente a uma discussão estabelecida, está presente em edições de jornais, ou de revistas, seja de circulação local, estadual, nacional ou internacional, faz parte da rotina da esfera jornalística.

Com o intuito de sistematizar os *modos de organização do discurso*, bem como aplicá-los nas análises textuais, adotaremos EMEDIATO (2004, p. 135):

Os procedimentos que consistem em utilizar certas categorias da língua para ordená-las em função de certas finalidades discursivas e comunicacionais podem ser reunidas em *quatro modos de organização do discurso: Enunciativo, Descritivo, Narrativo e Argumentativo*.

Com base na definição acima, daremos ênfase ao *modo de organização argumentativo*, tendo em vista a predominância deste no artigo de opinião. Dessa maneira, torna-se fundamental enunciar o estudo de Menezes (2006, p. 96-97), que pontua:

(...) no desenvolvimento das estratégias argumentativas, o sujeito argumentante coloca em cena um conjunto de procedimentos, que são de ordem semântica (relativos aos valores e domínios da avaliação), discursiva (que consistem no uso de determinadas categorias da língua e no recurso a outros modos de organização, trazendo, por exemplo, a definição, a nomeação, a comparação, a citação, o questionamento, a narrativa etc., para a argumentatividade) e composicional (que consistem em repartir, distribuir e hierarquizar os elementos do dispositivo argumentativo ao longo do texto, de forma a facilitar o reconhecimento de diferentes articulações do raciocínio ou a compreensão das conclusões da argumentação).

Ressalta-se, assim, a importância da defesa de Menezes para este trabalho, uma vez que trata, dentre as estratégias argumentativas, da discursiva, definida também pelo uso de outros *modos de organização do discurso*, foco de análise desta investigação.

Para realizar a análise aqui proposta, serão adotados como *corpus* três artigos de opinião, dois retirados do jornal *Folha de S. Paulo* e um da revista *Veja*. Para a seleção desses artigos, será adotado o critério relativo ao tema. Assim, os artigos versam sobre as seguintes temáticas: meio ambiente; saúde pública; educação e mídia, temas atuais e recorrentes em propostas de redação de vestibulares. A partir da análise desse material, serão sugeridas ao professor algumas formas de intervenção em sala de aula, visando à interpretação do texto opinativo, por meio da perspectiva de estratégias argumentativas, ocasionadas pelo emprego dos *modos de organização do discurso* e o provável resultado positivo dessa abordagem na leitura produção textual dos alunos.

Sintetizando, os textos opinativos serão analisados segundo o conceito de *artigo de opinião* (JESUS E PETRONI, 2008); *de modos de organização do discurso* (EMEDIATO, 2006) e da *argumentação* (MENEZES, 2006; EMEDIATO, 2004) considerados os mais pertinentes para o tratamento do objeto desta pesquisa.

Quanto à estrutura, este trabalho será desenvolvido em dois capítulos: conceito de *artigo de opinião*, *modos de organização do discurso* e *argumentação* constituirão matéria do capítulo 1; a análise do *corpus* e as sugestões de atividades serão tratadas no capítulo 2.

Finalmente, a conclusão em que serão retomados os objetivos e apontadas possíveis contribuições da pesquisa para a abordagem do *artigo de opinião* em sala de aula.

CAPÍTULO 1

Artigo de Opinião

O tipo de texto que será abordado neste trabalho é o *artigo de opinião*, retirado dos suportes jornal e revista eletrônica. As características primordiais desse tipo são: texto argumentativo, que trata geralmente de um assunto polêmico, apresenta uma tese que deve ser defendida por meio de estratégias de persuasão “(fatos, exemplos, dados estatísticos e testemunhos)” Garcia (*apud* Jesus e Petroni, 2008, p. 77). Além disso, no aspecto da “organização textual” Maingueneau (*apud* Jesus e Petroni, 2008, p. 77), o artigo de opinião deve conter a assinatura do autor. Nessa perspectiva, Jesus e Petroni (2008, p. 76) definem:

(...) o *artigo de opinião* (...) é parte integrante da rotina de jornais e revistas que circulam na sociedade. Caracteriza-se pela argumentação em torno de um assunto controverso, pela tomada de posição frente a uma discussão estabelecida (...)

A definição de Jesus e Petroni evidencia que o trabalho em sala de aula com *artigo de opinião* torna-se importante para a formação do leitor crítico, tendo em vista a influência que os suportes desse texto exercem na sociedade. Soma-se a isso a articulação feita pelo professor entre o *artigo de opinião* e a preparação para leitura e produção de texto em vestibulares e no ENEM.

A abordagem do estudo com *artigo de opinião*, proposta neste trabalho, consiste na leitura coletiva e orientada que vise a analisar as estratégias utilizadas pelo autor na construção dos argumentos para convencer o leitor. Uma maneira de desenvolver essas estratégias é por meio dos *modos de organização do discurso* que constituem o texto. Isso significa considerar, por exemplo, que para o escritor defender um ponto de vista, ele poderá empregar o *modo de organização* narrativo, inserindo um trecho de uma fábula,

que fundamente um argumento no artigo de opinião. Por isso, é necessário abordar os *modos de organização do discurso*, matéria do próximo tópico.

1.1 Modos de organização do discurso: breve conceituação

Para desenvolver a análise dos textos de opinião, tratados neste trabalho, segundo estratégias argumentativas e *modos de organização do discurso*, é necessário conceituá-los. Sendo assim, de acordo com EMEDIATO (2006, p. 141-142), os *modos de organização do discurso* são:

(...) componentes de ordem linguageira que reúnem os procedimentos de encenação do ato de comunicação correspondendo a certas finalidades (descrever, contar, argumentar, estabelecer uma certa relação enunciativa).

Nessa perspectiva, EMEDIATO (2006, p. 142) propõe adaptação de um quadro figurativo, a partir da teoria de Charaudeau, sobre a *função de base e o princípio de organização dos modos de organização do discurso*:

- a) Enunciativo – relação de influência, ponto de vista situacional e testemunho sobre o mundo. Posição em relação ao interlocutor. Posição em relação ao dito. Posição em relação aos outros discursos.
- b) Descritivo – identificar a sucessão dos seres no mundo de maneira objetiva/subjéctiva. Organização da construção descritiva (nomear, qualificar, localizar, quantificar). A descrição (*mise en description*) (efeitos, procedimentos e estatuto do sujeito observador).
- c) Narrativo - construir a sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca para fazer dela um *récit*, com seus actantes. Organizar o discurso em uma lógica narrativa que inclui a presença de actantes e o desenvolvimento de processos e em uma encenação narrativa que inclui identidades e estatutos de narrador.
- d) Argumentativo – Explicar uma verdade numa finalidade racionalizante para influenciar o interlocutor sobre a verossimilhança e aceitabilidade de uma tese. Organizar o discurso em uma lógica argumentativa composta de uma tese a defender, uma problematização sobre a tese, a apresentação de provas.

Com relação ao *modo de organização enunciativo*, é fundamental destacar que esse se refere à relação de *influência* (um pedido, uma ordem, por exemplo), de *subjéctividade* (uma opinião) ou de testemunho (um relato de acontecimento, a transmissão do discurso de

terceiros) estabelecida entre enunciador e destinatário. Além disso, a dimensão enunciativa está presente em qualquer texto, considerando-se as diversas características de *modos de organização do discurso* possíveis.

O *modo de organização enunciativo* determina maior ou menor *objetividade*, *subjetividade* ou *interlocução* em um texto, de acordo com as pessoas do discurso. Entretanto, é importante notar que o emprego da terceira pessoa do discurso não significa que não haverá opinião expressa em um texto, ou seja, impessoalidade não é sinônimo de imparcialidade.

O *modo de organização do discurso descritivo* parte do princípio da caracterização do mundo por meio de um observador de forma *objetiva* ou *subjetiva* e apresenta caráter estático, ou seja, uma vez que “a introdução do elemento temporal na descrição tende a transformá-la em narração” (EMEDIATO, 2004, p. 143) e a linguagem referencial, tendo em vista que a descrição objetiva informar. Nessa perspectiva, as operações da descrição são: “nomear e identificar seres e objetos, localizá-los no tempo e no espaço, quantificá-los e qualificá-los” (EMEDIATO, 2004, p. 143-144).

O *modo de organização do discurso narrativo* é constituído por *fato*, *agentes*, *ações* e *circunstâncias*. Assim, personagens desempenham ações, nas quais o tempo e o espaço são importantes, bem como há presença de um enredo, um conflito e de um narrador.

Tendo em vista o objetivo principal deste trabalho - identificar e analisar os *modos de organização do discurso* como estratégias argumentativas em *artigo de opinião* - torna-se relevante a abordagem mais consistente a respeito da argumentação, assunto do próximo tópico.

1.2 A argumentação

A argumentação, adotada neste trabalho, refere-se ao *modo de organização do discurso*, que visa a convencer e a persuadir o leitor sobre determinado assunto, por meio do emprego de uma tese, de argumentos e de conclusão. Mediante esse viés, são esclarecedoras as palavras de GARCIA (2006, p. 380) quanto ao objetivo da argumentação:

Na argumentação (...), procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.

No que se refere à estrutura argumentativa, devemos considerar que para a tese defendida no texto, há a antítese, ou seja, uma tese contrária, que pode estar explícita ou não. Isso implica considerarmos que um texto predominantemente argumentativo é um “espaço” de debates e reflexões por parte de seus interlocutores.

Para fins de análise textual, neste trabalho, adotaremos *o modo de organização do discurso argumentativo* apresentado por EMEDIATO (p. 161 – 163). Assim, o texto de opinião deve conter:

Afirmação (tese, proposição): (...) feita pelo sujeito sobre a verdade de algum fenômeno, seguida da análise de seus termos essenciais, que se contrapõe, explícita ou implicitamente, a uma outra concepção sobre o mesmo fenômeno.

Posicionamento: posição sobre o fenômeno posto em discussão, (...) que pode demonstrar uma **concordância**, *parcial* ou *total*, com uma tese já existente, ou uma discordância, parcial ou total com a mesma.

Quadro de problematização econômica, política, ideológica, religiosa, científica, matemática, epistemológica, moral. (...)

Formulação dos argumentos: (...) argumentos que possam ser aceitos, plausíveis e aceitáveis pelo interlocutor (...). A formulação dos argumentos será, portanto, relativa aos tipos de provas, à lógica dos raciocínios e princípios de explicação e justificação que fundamentam a tese ou afirmação.

Conclusão: dedução ou inferência a que se quer chegar a partir dos argumentos apresentados e sua pertinência e adequação ao quadro de problematização apresentado.

Essa estrutura, para produção de textos opinativos, é trabalhada no ensino médio por meio de algumas etapas. A primeira é a compreensão da proposta de redação do ENEM ou vestibular, seguida pela formulação da tese, a qual exige leitura prévia de diversos textos de opinião sobre vários assuntos. Esta, por sua vez, contribui para a construção do posicionamento e da formulação dos argumentos. Por último, o tipo de raciocínio é trabalhado de forma que a conclusão seja por *dedução*. Isso se justifica pelo fato de o aluno possuir maior “controle” sobre o próprio texto, tendo em vista que estudantes desse nível de ensino tendem a se desviar do tema proposto nas redações de vestibular, conforme comprova a experiência em sala nos mostra.

Além disso, o espaço reservado às redações de vestibular geralmente trinta linhas, no máximo, induz à produção de textos mais objetivos e concisos, características típicas da conclusão por dedução.

No entanto, é essencial que o tipo de conclusão por *inferência* seja trabalhado em sala de aula, a partir de textos da esfera jornalística, por exemplo.

Ainda na perspectiva de EMEDIATO, há dois *eixos fundamentais que servem para definir o discurso argumentativo: argumentação demonstrativa e argumentação retórica*. O primeiro tipo de argumentação diz respeito à lógica, para isso são apresentadas premissas que fundamentem a conclusão a que se objetiva chegar. Já o segundo tipo refere-se não necessariamente à lógica, mas sim busca o convencimento, a persuasão numa perspectiva mais subjetiva, fundamentada em crenças e valores.

Para finalidade deste trabalho, analisar tipologias textuais a favor da argumentação para alunos do ensino médio, o eixo de argumentação que provavelmente encontraremos com maior frequência será o da *argumentação demonstrativa*. Essa hipótese possui como fundamento a crença de que, como os textos analisados devem possibilitar a aplicação em sala de aula, servindo como modelos de produção de texto para o vestibular, devem apresentar, por isso mesmo, argumentos mais lógicos, uma vez que as temáticas de vestibulares e do ENEM geralmente focam questões que exigem esse tipo de argumentação. Essa análise de texto é matéria do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

Os modos de organização do discurso na construção da argumentação: análise textual

De acordo com nossa experiência com provas seletivas do ensino médio, notamos que, no que se refere à produção de texto exigida nos exames de vestibular e ENEM, a solicitação predominante é a de textos de caráter opinativo. Assim, é essencial analisarmos *artigos de opinião* publicados em jornais e revistas, como possível abordagem para sala de aula, por meio da qual o aluno do ensino médio compreenda as diversas estratégias argumentativas constitutivas desses textos e formadas pelos *modos de organização do discurso*.

Este estudo parte da importância desse tipo de abordagem em sala, tendo em vista que os alunos tendem a desenvolver melhor a redação, por meio da observação de textos de qualidade, isto, aqueles opinativos que empregam diversas estratégias argumentativas para convencer o leitor.

Apesar disso, notamos que grande parte dos materiais didáticos ainda não aborda a mescla dos *modos de organização do discurso* na construção da argumentação. No entanto, geralmente alunos desse nível de ensino já demonstram que manejam de forma satisfatória os *modos de organização do discurso* a favor da argumentação. Para tanto, empregam esses diversos modos como criação de estratégias persuasivas, tais como, exemplificação, apresentação de causas e consequências, explicitação, enumeração, comparação, utilização de perguntas retóricas. Algumas dessas estratégias serão analisadas nos textos a seguir.

Para exemplificar esse fato, analisaremos abaixo um texto que circulou em um livro didático do ensino médio e do curso pré-vestibular. Trata-se de um *artigo de opinião*, conforme definido anteriormente neste trabalho, publicado em uma revista de circulação nacional.

Texto 1

Ambientalismo, entre crença e ciência

José Eli da Veiga

“Salvar o planeta” é uma expressão tão falsa quanto presunçosa. Pois nada que a espécie humana possa fazer afetará o planeta na escala geológica de tempo, de milhões de anos.

Diferentemente do que pretende esse *slogan*, não é a Terra que está sendo posta em perigo por drásticos impactos ambientais contemporâneos, como aquecimento global, erosão da biodiversidade ou escassez e degradação dos recursos hídricos.

O que está na berlinda é a possibilidade de a espécie humana evitar o processo de sua própria extinção seja acelerado pela depleção de boa parte dos ecossistemas que constituem a biosfera. Essa fina e delicada camada que envolve o planeta.

Na mesma toada, também é falso e presunçoso o discurso que apresenta a conservação da natureza como forma de “superar ameaças à vida no nosso planeta”. A continuidade da maior parte das formas de vida – das bactérias às baratas, passando pelas amebas – nem de longe está ameaçada pela capacidade destruidora adquirida pela espécie humana.

O que deve ser motivo de séria preocupação é que tal capacidade exacerba a falha metabólica entre sociedades humanas e natureza. Que permaneceu incipiente sob o domínio do fogo, mas que se aprofunda exponencialmente desde que a máquina a vapor gerou dependência de fontes fósseis de energia.

A artificialização, que tanto fez progredir a humanidade, ameaça seus próprios alicerces vitais, como um parasita que põe em risco a sobrevivência de seu hospedeiro. Mas tais alicerces não são mais que a epiderme do planeta.

Afastadas essas duas arrogantes ilusões de suposto poder discricionário sobre o destino da Terra, também ficará patente a inconsequência de evocar “desafios da sustentabilidade” sem dizer sustentabilidade de quê.

Afinal, foi na relação com o processo de desenvolvimento humano que o qualificativo “sustentável” ganhou recentemente tanta força simbólica, gerando um novo valor, talvez já mais importante e popular que seu antecessor imediato, a justiça social.

Mesmo que banalizações inerentes à moda tenham agregado à noção de sustentabilidade outras mil e uma utilidades, sua emergência foi determinada por dúvidas sobre as possibilidades futuras da expansão das liberdades humanas que está no âmago da ideia de desenvolvimento.

Quem mesmo assim preferir continuar repetindo bordões sobre salvação do planeta, ameaças à vida e sustentabilidade genérica pode se valer, claro, da ardilosa acusação de que as restrições mencionadas são por demais antropocêntricas. Todavia, tais jargões carregam justamente a forma mais perversa do antropocentrismo: a que supõe a espécie humana tão sábia e poderosa que é capaz até de obter sua própria perpetuação.

Por contraste, enfrentar com rigor científico a discussão sobre a sustentabilidade do desenvolvimento é ter a humildade de assumir o caráter passageiro da existência humana. Não vem apenas da moderna síntese darwiniana da evolução a certeza da impossibilidade de que qualquer espécie possa se eternizar, como propagam de forma subliminar mesmo discursos ambientalistas que não se pretendem religiosos.

Decorre igualmente dessa pouco ensinada parte da Física que é a Termodinâmica. Particularmente, de sua segunda lei, também evolucionária, sobre a inexorabilidade da entropia. Uma lei tão irredutível quanto a da gravidade. O processo econômico em que se baseia o progresso humano é mera transformação de recursos naturais valiosos (baixa entropia) em resíduos (alta entropia).

A segunda lei diz que a qualidade da energia em sistema isolado tende a se degradar, tornando-se indisponível para a realização do trabalho. A energia que não pode mais ser usada para realizar trabalho é entropia gerada pelo sistema. Em consequência, parte dos resíduos não pode ser reaproveitada por nenhum processo produtivo de tão dissipada que se torna.

Aliás, não fosse essa segunda lei, a mesma energia poderia ser usada indefinidamente, viabilizando a reciclagem integral. Não haveria escassez.

Em suma, o foco do debate sobre o desenvolvimento sustentável está na esperança de que a humanidade deixe de abreviar o prazo de sua inevitável extinção se conservar a biocapacidade dos ecossistemas de que depende.

Folha de S. Paulo, 06 jan. 2008.

Análise do texto 1

Esse *artigo de opinião* apresenta como tese a ideia de que a preservação do planeta só é capaz de retardar o processo de extinção do ser humano no planeta Terra e, jamais, de salvar este. Para sustentar essa tese, Veiga emprega argumentos de diversas áreas do conhecimento: História, Sociologia, Filosofia, Biologia e Física. Com isso, o eixo da argumentação é demonstrativo, uma vez que o autor parte de aspectos lógicos e consagrados pelas ciências com o objetivo de provar sua tese, seguidos pela conclusão por dedução, conforme definido anteriormente.

A apresentação da tese é feita a partir da contestação do clichê *Salvar o planeta*. Com isso, estabelece-se, uma antítese a esse *slogan*, que é considerado falso e presunçoso pelo autor.

Ao problematizar a antítese, Veiga questiona os *drásticos impactos ambientais contemporâneos* que ameaçariam a Terra, de acordo com o senso comum. A partir disso, Eli estabelece a problematização no texto, numa perspectiva social, uma vez que atribui ao ser humano a extinção decorrente da destruição da Terra, bem como reflete sobre a presunção do homem ao pensar que tem poder de salvar o planeta.

Para argumentar sobre essa temática, o autor emprega *os modos de organização do discurso enunciativo e argumentativo*. O primeiro é expresso em terceira pessoa, isso significa que o índice de objetividade é maior. No entanto, são esclarecedoras as palavras de EMEDIATO, 2004, p.134 “(...) posso construir uma argumentação que, embora objetiva em aparência (3ª pessoa), será subjetiva em uma análise criteriosa da presença de índices da subjetividade (opinião, qualificações subjetivas)”.

No quinto parágrafo, ocorre uma mescla de narração e argumentação. Com o objetivo de sustentar a tese, o autor argumenta a crescente mudança sofrida pelas sociedades e, conseqüentemente, a destruição da natureza provocada pelo homem, por meio de um perfil histórico *desde que a máquina a vapor gerou dependência de fontes fósseis de energia*. Sendo assim, Eli emprega o *modo de organização do discurso narrativo* a da argumentação, tendo em vista que relata a mudança inerente à sociedade com o passar do tempo.

No próximo parágrafo, o *modo de organização argumentativo* predomina, por meio da estratégia da comparação entre a artificialização da vida do homem e *um parasita que*

põe em risco a vida de um hospedeiro, no entanto, ressalta que apenas a *epiderme* da Terra é atingida pelo homem.

No parágrafo seguinte, predominantemente argumentativo, Veiga critica o termo em voga atualmente *desafios da sustentabilidade*, por julgá-lo inconsequente no sentido de não definir *sustentabilidade de quê*. O autor expande essa ideia, por meio da argumentação, no próximo parágrafo, a respeito da relação entre o termo sustentabilidade e a liberdade para o desenvolvimento social. Ainda nesse viés, Eli dá prosseguimento ao texto, fazendo uma contra-argumentação ao discurso defendido até então, apenas como forma de tornar a tese consistente.

No décimo parágrafo, o autor argumenta por meio da enunciação da *síntese darwiniana*, ao mesmo tempo em que argumenta sobre ela, articulando-a a tese. Em igual perspectiva, nos dois próximos parágrafos, Eli recorre à *Termodinâmica* para acrescentar ao seu texto a ideia de *transformação de recursos naturais valiosos como processo econômico em que se baseia o progresso da humanidade*. Com isso, argumenta novamente a respeito do *caráter passageiro da existência humana*.

E para concluir o texto, Veiga reafirma a argumentação da necessidade de a raça humana assumir o caráter passageiro inerente a sua existência, acima de qualquer crença na eternização da espécie.

Dessa maneira, observamos que o autor emprega todos os *modos de organização do discurso* para sustentar a tese defendida no texto e, apesar de empregar a terceira pessoa no *modo enunciativo*, demonstra opinião clara, consistente e incisiva a respeito do assunto. Poderemos analisar esses aspectos nos textos seguintes.

Texto 2

Um mundo correto

Diogo Mainardi

Veneza está infestada de ratos. Quatro ratos para cada habitante. Um total de 2000000 ratos. Perambulo todas as noites à procura deles. Olha o rato saindo do tubo do esgoto! Olha o rato atravessando o canal a nado! Olha o rato morto com um fiozinho de sangue escorrendo pelo canto da boca!

Eu tenho um imenso respeito pelos ratos venezianos. Um respeito que beira a vassalagem. Eles, por sua vez, me tratam com certa soberba. Eu entendo. Os ratos venezianos pertencem a uma estirpe nobre. O impacto que seus antepassados – *rattus rattus* – tiveram no desenvolvimento das artes foi incomensuravelmente maior do que o de todos nós – brasileiros brasileiros – em mais de 500 anos de história.

A igreja do Redentor é obra dos ratos venezianos. Melhor dizendo: a igreja do Redentor é obra de Andrea Palladio, um dos mais importantes arquitetos de seu tempo, mas ela só foi erguida para comemorar o fim de uma epidemia de peste, em 1576. Quem propagou a epidemia? Os ratos venezianos e suas pulgas. Eles voltaram a disseminar a peste em 1630, matando outras dezenas de milhares de pessoas. O resultado foi melhor ainda: para comemorar o fim da epidemia, Baldassare Longhena projetou a igreja de Santa Maria della Salute.

Nos períodos de epidemia, os navios com pestilentos a bordo tinham de permanecer ancorados ao largo de Veneza, em quarentena, com uma bandeira amarela no mastro. Alguns dias atrás, a imagem se repetiu, quando passageiros e tripulantes de um navio proveniente da Turquia foram impedidos pela guarda costeira de desembarcar na cidade, porque as autoridades temiam que eles fossem portadores da gripe suína. As barreiras sanitárias erguidas pelos italianos funcionaram até agora. Ninguém morreu de gripe suína na Itália. É o contrário do que ocorre no Brasil. Nós já conquistamos a primazia nesse campo: de acordo com as estatísticas da organização Mundial de Saúde, temos a segunda maior taxa de mortalidade por gripe suína no mundo. Atrás apenas deles - os argentinos argentinos.

Michel de Montaigne passou por Veneza em 1580, quatro anos depois da epidemia que inspirou a igreja do Redentor. Ele associou a peste ao mau cheiro dos canais venezianos, ignorando o papel dos ratos no contágio. Nos Ensaios, ele filosofou que filosofar é aprender a aceitar a própria morte. Nisso, ninguém supera os brasileiros. Nós morremos pacatamente, resignadamente, bovinamente, sem atribuir responsabilidades pelas epidemias, sem protestar contra o ministro da Saúde, sem jogar tomates no presidente da república. No Brasil, falta um Andrea Palladio, falta Baldassare Longhena. Falta também Tamiflu. Por outro lado, morremos melhor do que os outros. Morremos como Montaigne.

Disponível em: [http:// veja.abril.com.br/blog/mainardi](http://veja.abril.com.br/blog/mainardi). Acessado em: 20 dez. 2010.

Análise do texto 2

Esse *artigo de opinião* apresenta como tese a ideia de que as medidas de saúde desenvolvidas no Brasil não são eficientes e, portanto, reprovadas pelo autor. Para fundamentar essa tese e estabelecer a problematização, Mainardi inicia o texto, empregando, no primeiro parágrafo, os *modos de organização do discurso descritivo, narrativo e enunciativo*, por meio dos quais ele apresenta e relata um cenário relativo à infestação de ratos na cidade de Veneza, enunciado em primeira pessoa. O emprego desses *modos de organização* tende a aproximar o leitor para que posteriormente este concorde com a tese daquele. A partir desse e dos outros parágrafos, compreendemos que o autor utiliza a argumentação demonstrativa, uma vez que se fundamenta na lógica, ou seja, em fatos históricos. No entanto, ao respeitar imensamente os ratos de Veneza em detrimento dos brasileiros, Mainardi emprega a argumentação retórica articulada à demonstrativa.

No segundo parágrafo predomina o *modo de organização do discurso argumentativo*, uma vez que Diogo afirma o respeito que sente pelos ratos, devido à *estirpe nobre* a qual pertencem, influenciada pelo *impacto que seus antepassados – rattus rattus – tiveram no desenvolvimento das artes*, ainda ressalta que esse foi superior ao dos *brasileiros brasileiros – em mais de 500 anos de história*. No entanto, a definição da espécie dos ratos e dos brasileiros está fundamentada no *modo de organização do discurso descritivo* e essa definição proporciona força crítica e argumentativa ao texto. Com esse tom, notamos que a crítica textual irá recair sobre o Brasil, por meio, principalmente da estratégia da argumentação por comparação entre ratos venezianos e brasileiros.

No terceiro parágrafo, predominantemente argumentativo, o autor mescla ao *modo argumentativo* o *narrativo*, por meio do relato do cenário de duas epidemias provocadas por ratos em Veneza e as consequências positivas – construção da igreja do Redentor e de Santa Maria della Salute - que as epidemias trouxeram. O *modo narrativo* está presente nesse parágrafo no sentido de que ocorre “um relato organizado de acontecimentos (...) no interior do qual se desenvolve uma intriga, ou seja, um enredo”, conforme define EMEDIATO (2004, p. 150).

Já no quarto parágrafo, Diogo narra dois acontecimentos a respeito de navios que transportavam *pestilentos*, um em Veneza, no século XVII, epidemia causada pelas pulgas de ratos e o outro na Turquia, atualmente, relacionada à gripe suína. Como medida

preventiva, esses países determinaram que as pessoas suspeitas de doenças ficassem em quarentena, ou seja, sem poder desembarcar no destino previsto. Por meio dessa medida adotada por ambos os governos em questão, Mainardi afirma que não houve mortes em função da gripe suína nos respectivos países, expande essa informação para a Itália e, com isso, estabelece uma relação de contraposição com o Brasil, país que apresenta *a segunda maior taxa de mortalidade por gripe suína no mundo*. Há, portanto, neste parágrafo o uso do *modo narrativo* na construção da argumentação.

No quinto e último parágrafo, o autor mescla os *modos narrativo* e *argumentativo*. O primeiro está a serviço da argumentação, no sentido de retratar a passagem de Michel de Montaigne por Veneza e, com isso, contextualizar a argumentação que será desenvolvida. O *argumentativo* possui a finalidade de expor a opinião desse filósofo acerca da causa da epidemia que assolava Veneza em 1580 que, segundo ele, estava relacionada ao *mau cheiro dos canais venezianos*. A partir da exposição do ponto de vista de Montaigne, Mainardi argumenta que o filósofo *ignorou o papel dos ratos no contágio*, sustentando, com isso, a crítica contundente e a ironia que perpassam a argumentação do texto. Dando sequência ao quinto parágrafo, Diogo afirma que Michel de Montaigne *filosofou que filosofar é aprender a aceitar a própria morte* e complementa, argumentando que *nisso, ninguém supera os brasileiros. Nós morreremos pacatamente, resignadamente, bovinamente, sem atribuir responsabilidades pelas epidemias, sem protestar contra o ministro da saúde, sem jogar tomates no presidente da república*. Sendo assim, Diogo fecha o texto com a crítica de que os brasileiros são pacatos frente aos problemas de saúde pública.

A partir da análise referente aos *modos de organização do discurso* que fundamentam a argumentação do *artigo de opinião* de Diogo Mainardi, notamos que os todos os *modos de organização* estão presentes, predominando, no entanto, o *argumentativo*. Esse tipo de análise é interessante de ser trabalhada em sala de aula do ensino médio, uma vez que funciona como modelo de reflexão para que os alunos produzam os próprios textos argumentativos de forma mais autônoma e consistente. A autonomia se explica pelo fato de que alunos desse nível geralmente possuem mais facilidade para empregar como estratégia de argumentativa a narração de fatos divulgados na mídia ou a descrição de elementos relacionados à temática, por exemplo. Nesse viés, também é notória a capacidade argumentativa dos alunos relacionada à inserção de perguntas retóricas no texto, o que implica a utilização do modo de organização textual

enunciativo em segunda pessoa, ou seja, a interlocução, nesse caso, dentro da argumentação. Dessa maneira, observamos a importância dos *modos de organização do discurso* na construção da argumentação.

Texto 3

As novelas e a educação

Emílio Odebrecht

Provavelmente não há outro país onde as novelas, esta atração televisiva de presença mundial, tenham caído tanto no gosto popular como no Brasil.

Do ponto de vista da influência nos costumes, ousou dizer que esse tipo de programa foi, entre nós, mais benéfico que maléfico. Se analisarmos os efeitos sobre a visão de mundo do brasileiro médio que as novelas já exerceram, concluiremos que hoje somos (até certo ponto, ao menos) um país melhor também graças a elas.

Ideias como as de emancipação feminina se disseminaram no Brasil com a ajuda das novelas. Em anos recentes, abordaram outras questões importantes, como o combate ao racismo e o respeito aos deficientes físicos. E até a demografia do país parece ter sofrido alguma influência.

As famílias nas novelas são, quase sempre, pequenas e foi por meio delas que muita gente teve, pela primeira vez, contato com noções de planejamento familiar.

Mas é inescapável reconhecer que também há os efeitos nocivos, em especial sobre os jovens. A contínua irradiação de modismos tolos e a tendência (talvez inerente ao gênero) de exploração nos enredos de algumas das piores fraquezas humanas, como a traição e a ganância, conferem certa razão àqueles que as apontam como algo pouco educativo.

O fato é que com o potencial de influência que têm, as novelas podem ser mais do que mero entretenimento e se tornar instrumentos eficazes de apoio à formação das pessoas.

Ao falar em formação, penso no incentivo à agregação familiar, na disseminação de valores, enriquecimento cultural e motivação aos jovens para que estudem, se desenvolvam e empreendam.

Nossos autores, tão talentosos, poderiam usar o meio para inserir (ou reforçar) no ideário do país a crença no trabalho duro e honesto como forma de ascensão social e nos benefícios que isso representa para o indivíduo e para a coletividade.

Tais programas também poderiam servir para orientar a escolha profissional de rapazes e moças. Para tanto, bastaria que mostrasse, de modo consistente, a realidade das várias ocupações do mundo do trabalho – o que seria de enorme valia para muitos jovens brasileiros.

O incentivo a comportamentos éticos e os conteúdos que formam a cultura dos indivíduos não devem ficar restritos aos canais educativos, às escolas ou às famílias. As novelas, forma de arte na qual somos mestres, podem contribuir e muito para elevar os brasileiros aos mais altos padrões de princípios morais e cívicos, conhecimento e desenvolvimento pessoal.

Folha de S. Paulo. Opinião, 11 jul. 2010

Análise do texto 3

O texto de Emílio Odebrecht trata-se de um *artigo de opinião*, publicado no jornal Folha de S. Paulo e aborda a influência da mídia nos modelos sociais. Para tanto, o autor defende a tese: *com o potencial de influência que têm, as novelas podem ser mais do que mero entretenimento e se tornar instrumentos eficazes de apoio à formação das pessoas*, que se encontra no desenvolvimento do texto.

Para desenvolver o texto, o autor emprega argumentação demonstrativa e o *modo de organização do discurso enunciativo* em primeira pessoa ora no singular ora no plural *Ao falar em formação, penso no incentivo à agregação familiar (...)* Nossos autores, tão talentosos, poderiam usar o meio para inserir (...). Notamos, com isso, que Emílio inclui o leitor na argumentação, aproximando-o da argumentação.

Como forma de sustentar essa tese, no primeiro parágrafo Emílio relata o gosto do brasileiro pelas novelas. A partir disso, ele instaura a problematização do tipo de influência exercida pelas novelas na sociedade. Sendo assim, Odebrecht levanta a hipótese de que a influência foi mais benéfica do que maléfica, uma vez que *hoje somos (até certo ponto, ao menos) um país melhor também graças a elas*. Para isso, ele emprega o *modo de organização do discurso argumentativo*.

Nessa perspectiva, o autor prossegue a análise da problematização, no terceiro parágrafo, enunciando acontecimentos do mundo da ficção que se repetem na vida real do povo brasileiro, tais como: *emancipação feminina, combate ao racismo e o respeito aos deficientes físicos*, notamos, então, que o autor emprega argumentos demonstrativos. Ao empregar a estratégia da enumeração de fatos que se concretizaram na vida dos brasileiros, o autor utiliza o *modo de organização do discurso descritivo* mais *objetivo*, no que diz respeito às operações da descrição, a favor da argumentação.

Odebrecht continua a argumentação no quarto parágrafo e acrescenta a ideia de planejamento e estrutura familiar como advindos de modelos das novelas de TV. No entanto, no próximo parágrafo, Emílio aborda uma contra-argumentação no que diz respeito aos valores que as novelas atribuem aos jovens, na maioria das vezes: *irradiação de modismos tolos, exploração das piores fraquezas humanas, como a traição e a ganância*. Para fundamentar essa argumentação, o autor enumera, mais uma vez, algumas temáticas abordadas pelas novelas e, dessa vez, a influência que exercem no imaginário dos jovens, desta vez emprega *descrição subjetiva*, tendo em vista o juízo de valor atribuído às temáticas das novelas.

O sexto parágrafo apresenta a tese defendida por Emílio Odebrecht: *com o potencial que têm, as novelas podem ser mais do que mero entretenimento e se tornar instrumentos eficazes de apoio à formação das pessoas*. Com isso, o autor apresenta raciocínio indutivo, uma vez que enuncia a tese no desenvolvimento do texto e não no começo.

No sétimo parágrafo, o *modo de organização descritivo* predomina no texto a serviço da argumentação, ou seja, o autor enumera, então, a *formação* que deveria ser mostrada nas novelas para que os jovens pudessem apreendê-los como *incentivos: agregação familiar, disseminação de valores, enriquecimento cultural e motivação aos jovens para que estudem, se desenvolvam e empreendam*. Por meio dessa enumeração, observamos que Emílio utiliza a *operação da descrição - qualificação subjetiva-* uma vez que emprega “adjetivos indicando uma qualidade afetiva ou subjetiva expressando o modo como o sujeito percebe o ser (...)”, conforme definido por EMEDIATO (2004, p. 144), conforme observado anteriormente.

No oitavo parágrafo, Emílio sugere aos autores de novela que estes *poderiam usar o meio para inserir (ou reforçar) no ideário do país a crença no trabalho duro e honesto como forma de ascensão social e nos benefícios que isso representa para o indivíduo e*

para a coletividade. Com isso, Odebrecht busca uma solução para a problematização instaurada no texto e reforça a sua tese.

No próximo parágrafo, há continuidade e progressão do que foi sugerido por Odebrecht no parágrafo anterior. Para isso, o autor reforça a ideia da formação de jovens e articula a essa a orientação *da escolha profissional por meio do retrato de da realidade das várias ocupações do mundo do trabalho*. Por se tratar de uma hipótese para a solução do problema, o *modo de organização do discurso argumentativo* prevalece nesse fragmento do texto.

O último parágrafo é construído mediante a conclusão por resumo. Nele o autor retoma o caráter formador de valores que as novelas deveriam abordar e ressalta que isso não deve estar restrito apenas à família ou à escola, tendo em vista a influência que a TV possui sobre os indivíduos, prevalecendo, portanto, o *modo de organização argumentativo*.

Com relação ao tipo de raciocínio adotado pelo autor - o indutivo - apesar de não se tratar do padrão adotado no ensino médio, a importância do contato com textos nesse e formato é incontestável. Acreditamos nisso, em função de nossa experiência em sala de aula e observação acerca da influência positiva que o trabalho com textos com as mais diversas abordagens, estruturas e suportes de credibilidade, imprime nos textos dos alunos. Em outras palavras, nossos alunos prescindem de modelos de textos diversos para que possam se identificar com alguns deles e, com isso, redigir com mais segurança.

A partir da análise dos *modos de organização do discurso* na construção desse *artigo de opinião*, observamos que apesar da recorrência do *modo de organização argumentativo*, em função do texto opinativo, o *modo de organização descritivo* desempenhou papel fundamental na nomeação de diversos aspectos relacionados diretamente à argumentação, criando, assim, a estratégia persuasiva da enumeração.

Dessa forma, os textos analisados mostram que, apesar do enquadramento, muitas vezes rígido, adotado pelos livros didáticos acerca dos *modos de organização do discurso*, é essencial que o professor tenha uma abordagem voltada para a identificação e compreensão da importância da mescla desses *modos de organização* para a construção da argumentação. Torna-se, portanto, difícil considerar um texto, um parágrafo ou até mesmo uma frase formada por um *modo de organização do discurso* apenas.

No entanto, acreditamos que não seja necessário analisar os *modos de organização do discurso* de forma muito detalhada com alunos do ensino médio, mas de forma mais

abrangente, contanto, que eles percebam as estratégias argumentativas e as formas de enunciá-las por meio dos *modos de organização*.

Conclusão

Este trabalho nos possibilitou refletir sobre alguns aspectos referentes ao texto *artigo de opinião* e os *modos de organização do discurso* relativamente à conceituação, caracterização e análise dos *modos de organização*. A partir dessas considerações, observamos que os *artigos de opinião*, apesar da predominância do *modo de organização argumentativo*, constroem suas estratégias persuasivas por meio do emprego de diversos *modos de organização do discurso*. Isso nos mostra a importância de análises nessa perspectiva com alunos do ensino médio, tendo em vista que elas podem auxiliar na produção de textos opinativos por parte dos estudantes.

Para isso, enunciamos o conceito de *artigo de opinião* – objeto de análise deste trabalho. Nessa perspectiva, conceituamos de forma breve esse tipo de texto, conforme caracterização proposta por Rodrigues (2007). Na sequência, abordamos o conceito dos *modos de organização do discurso*, segunda perspectiva de EMEDIATO (2004; 2006). A partir disso, enfatizamos a argumentação, segundo GARCIA (2006) e EMEDIATO (2004; 2006).

A análise dos *modos de organização do discurso* na construção da argumentação evidenciou que apesar do modo argumentativo ser predominante nos *artigos de opinião*, o *descritivo* e o *narrativo*, muitas vezes, estão presentes nesses textos de opinião e desempenham papel importante para a construção de estratégias argumentativas. É essencial também considerar que “a organização enunciativa está presente em qualquer texto, tenha ele uma predominância narrativa, descritiva ou argumentativa”, conforme defendido por EMEDIATO (2004, p. 136-137).

Concluímos que a abordagem de *artigo de opinião*, seguida pela análise dos *modos de organização do discurso* que o constitui representa uma ferramenta interessante em salas de aula do ensino médio. Sendo assim, por meio de nossa experiência com atividades desse modelo, constatamos a produção de textos de opinião, geralmente, padrão de vestibulares e do ENEM, desenvolvidos pelos alunos de forma mais consistente e fundamentada.

Pretendemos, com este trabalho, propor uma abordagem com textos típicos desse nível de ensino. Acreditamos que esse tipo de abordagem possa auxiliar o aprendizado dos alunos na prática de leitura e produção de textos.

Julgamos necessária continuidade deste trabalho sob forma de pesquisas futuras capazes de subsidiar propostas metodológicas e materiais didáticos mais condizentes com essa abordagem.

Referências

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 25 ed. Rio de Janeiro: Editora FCG, 2006.

JESUS, Roseli Batista; PETRONI, Maria Rosa. In: PETRONI, Maria Rosa. *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores. Cuiabá: EdUFMT, 2008.

MENEZES, Vera. *Estratégias discursivas e argumentação*. In: LARA, Gláucia Muniz Proença (org.). *Língua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

<http://www.educacao.mg.gov>. Acesso em 02 jul. 2010.

<http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 02 jul. 2010.